



OLHARES CRUZADOS: A INTERSEÇÃO DE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA/ETNIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO MÉDIO EM CAETITÉ/BA, MEDIADAS POR ARTEFATOS CULTURAIS

Eixo Temático 43 - EDUCAÇÃO PARA CORPOS PLURAIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA/ETNIA, MEDIADOS POR ARTEFATOS CULTURAIS.

Natan Cunha Fernandes¹
Sueli Vilasboas Sousa²
Ana Luiza Salgado Cunha³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender como as questões de gênero, sexualidade e raça/etnia são abordadas no Ensino Médio por meio de artefatos culturais, como música, dança, literatura, filmes, teatro, entre outros. Para tal foi realizado um levantamento de dados nas escolas estaduais do município de Caetité/BA. A pesquisa foi conduzida por meio de um formulário digital no Google Formulários, respondido por professores de diversas áreas do conhecimento (Linguagens, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Matemática e Ciências da Natureza), com o intuito de identificar suas práticas pedagógicas e a forma como esses temas são trabalhados no cotidiano escolar. A abordagem dessas questões com adolescentes é fundamental, pois a escola deve ser um espaço plural, democrático e inclusivo, que contribua para a construção da identidade dos estudantes e o respeito à diversidade. No entanto, muitos docentes ainda encontram dificuldades para tratar desses temas, seja por influências de estereótipos e preconceitos enraizados, seja pela falta de formação continuada que auxilie na adoção de metodologias mais acessíveis e dinâmicas. Assim, os artefatos culturais surgem como recursos didáticos eficazes e estratégicos, tornando o debate mais leve e prazeroso, favorecendo a reflexão crítica e garantindo que o conhecimento chegue a todos os alunos de maneira significativa.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Sexualidade, Raça/etnia, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais diversa e plural, a escola deve se posicionar como um espaço acolhedor e inclusivo, onde todos os indivíduos se sintam vistos, respeitados e representados. A abordagem de questões atuais e essenciais para a formação social dos

¹ Licenciado em Matemática Universidade do Estado da Bahia - UNEB, natancfer@gmail.com;

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) - BA, suely95vilasboas@gmail.com;

³ Pós-doutorada no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) - BA, ana.luiza@uesb.edu.br; ;



indivíduos como gênero, sexualidade e raça/etnia é de grande importância para a formação integral dos estudantes no Ensino Médio. A inclusão dessas temáticas no currículo escolar promove o respeito às diferenças e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A integração dessas questões nas aulas do Ensino Médio por meio de práticas pedagógicas como atividades e projetos que envolvam a cultura, como música, dança, literatura, filmes e teatro proporciona aos estudantes ferramentas para compreender e enfrentar as desigualdades e discriminações que ainda permeiam a sociedade. De modo prático, os educadores podem tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo, facilitando a assimilação dos conceitos e promovendo uma educação transformadora.

O presente trabalho teve como objetivo compreender como as questões de gênero, sexualidade e raça/etnia são abordadas no Ensino Médio por meio de artefatos culturais, como música, dança, literatura, filmes, teatro, entre outros. Para tal foi realizado um levantamento de dados por meio de um formulário aplicado com professores das escolas estaduais do município de Caetité/BA.

Embora os artefatos culturais sejam percebidos como recursos didáticos eficazes e estratégicos que torna o debate mais leve e prazeroso, favoreça a reflexão crítica e garanta que o conhecimento chegue a todos os alunos de maneira significativa, os docentes encontram ainda muitas dificuldades para a abordagem das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia utilizando estes recursos. Isso ocorre por influências de estereótipos e preconceitos enraizados e pela ausência de formação continuada que auxilie na adoção de metodologias mais acessíveis e dinâmicas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi conduzida pelo método de pesquisa de campo que é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se busca comprovação, ou, ainda, descobrir novos fenômenos, ou as relações entre eles (Prodanov; Freitas, 2013).



A coleta de dados nessa pesquisa foi realizada por meio de um formulário digital disponibilizado no Google Formulários. Este é um instrumento padronizado que busca obter dos participantes respostas às mesmas perguntas, permitindo que sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, em que as diferenças refletem a posição dos respondentes e não as perguntas (Marconi; Lakatos, 2003, p. 176).

O formulário utilizado na pesquisa foi composto por 16 questões abertas e fechadas, a saber: 1) Qual a sua área de atuação?; 2) Há quanto tempo você atua como professor(a)?; 3) Já participou de alguma formação específica sobre gênero, sexualidade e/ou raça/etnia no contexto escolar?; 4) Você considera que as questões de gênero, sexualidade e raça/etnia são trabalhadas de maneira adequada na escola?; 5) Com que frequência você aborda essas temáticas em sala de aula?; 6) Quais dificuldades você encontra ao tratar dessas questões com os alunos?; 7) Você percebe resistência por parte dos alunos ou da comunidade escolar ao discutir esses temas? Se sim, poderia dar exemplos?; 8) Você já utilizou artefatos culturais (música, dança, literatura, teatro, filmes, artes visuais, entre outros) para abordar questões de gênero, sexualidade e raça/etnia?; 9) Quais artefatos culturais você costuma utilizar para abordar essas temáticas?; 10) Como os alunos reagem ao uso desses artefatos para discutir essas questões?; 11) Você considera que o uso de artefatos culturais facilita o debate sobre gênero, sexualidade e raça/etnia? Por quê?; 12) Há algum artefato cultural específico que você recomenda ou já utilizou e obteve bons resultados?; 13) Você acredita que seria importante receber mais formação sobre esses temas para aplicá-los em sala de aula?; 14) Qual formato de formação você considera mais adequado?; 15) Você considera que a escola disponibiliza suporte suficiente para abordar essas temáticas? Se não, o que poderia ser melhorado?; 16) Que sugestões você daria para aprimorar o ensino dessas temáticas no ambiente escolar?

A pesquisa foi aplicada com cinco docentes atuantes em escolas estaduais do município de Caetité-BA, abrangendo diferentes áreas do conhecimento, como Linguagens, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Matemática e Ciências da Natureza. Os participantes foram selecionados por disponibilidade e interesse em contribuir com a investigação. Os dados obtidos por meio do formulário foram organizados em planilhas eletrônicas no software Microsoft Excel, o que possibilitou a tabulação e a categorização das respostas. A análise dos dados foi realizada com base em uma abordagem qualitativa, orientada por referenciais teóricos e estudos



científicos já publicados sobre as temáticas de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O tema da intersecção de temas como gênero, sexualidade e raça/etnia vem ganhado espaço nos debates e pesquisas da área educacional. Reflexões acerca de como vem sendo (re)construídas, (re)produzidas, legitimadas e/ou silenciadas determinadas ideologias e identidades sociais no sistema escolar. Este tema tem sido alvo de debates nos espaços de educação entre educadores e pesquisadores

É válido destacar que há críticas quanto à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio quanto à redução da carga horária dos componentes curriculares que acaba causando a fragmentação do ensino e a intensificação do trabalho docente. No que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, as críticas também se acumulam, sobretudo no que tange ao silenciamento dessas discussões na BNCC, que não cita, em nenhum espaço do documento, de modo explícito a necessidade de diálogo dessas temáticas (Figueiredo, 2024).

Abordar sobre estes temas requer entender que a interseccionalidade busca dialogar concomitantemente com os atravessamentos das relações de gênero, raça, classe e sexualidade sendo de extrema necessidade a sua inserção nos currículos do Ensino Médio, considerando temáticas que decolonizam os saberes e buscando a promoção de uma educação antirracista, que valoriza a diversidade e o respeito às diferenças, afastando-se da perspectiva eurocêntrica e colonial (Nunes; Lima, 2023).

No Ensino Médio, a interseção ocorre através da implementação de atividades educativas que abordam essas temáticas de forma integrada e contextualizada. Por meio de projetos interdisciplinares, os educadores buscam promover a reflexão crítica entre os estudantes, incentivando-os a reconhecer e questionar as desigualdades e preconceitos presentes na sociedade, para isso podem utilizar como recursos os artefatos culturais.

Os artefatos culturais, de acordo Santos (2022), são produções que fazem parte da vida cotidiana, e têm se tornado recurso significativo para auxiliar nos processos formativos de crianças, adolescentes, professoras e professores, entre outras/os. Estes circulam nos mais diferentes espaços sociais e culturais, criando, fabricando, (re)afirmando discursos acerca dos



corpos, dos comportamentos, das formas de ser e estar no contexto social e cultural ao qual estamos imersos.

Souza e Souza (2018) defendem que o artefato cultural produz, reproduz e divulga significados, orienta a forma como os leitores/as ou expectadores/as pensam e vivem. Assim, em cada artefato existe pedagogia, existe algo para ser problematizado em relação aos temas sexualidade, gênero, raça/etnia.

Algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas a fim de compreender como os artefatos culturais podem mediar as discussões de temáticas sociais na educação. Souza e Souza (2018) realizaram um estudo para analisar os principais discursos sobre tendenciosidades e vulnerabilidade sobre o vírus HIV e a Aids construídos por três professoras do Ensino Médio pela mediação de artefatos culturais. Os resultados mostraram que os artefatos culturais enquanto mediadores na produção de discursos permite a problematização de pré-conceitos e estigmas, mas também o vislumbre de novas possibilidades discursivas sobre sexualidade e saúde e sua abordagem em sala de aula no âmbito da educação para a sexualidade que extrapole a perspectiva unicamente preventiva.

Figueiredo (2017), ao analisar os discursos sobre etnicidade, gênero e sexualidade que emergem do trabalho desenvolvido por uma professora com essas questões em uma escola periférica, observou que há inúmeros desafios para abordar tais temas em meio ao contexto educacional. Para o autor, este é um:

[...] campo complexo em que estão em jogo muitas categorias de reflexão como docência, lugar de fala, objetivação, identidades, diferenças, significação, subjetividades, absolutização e tantas outras que atravessam as vivências educacionais, em uma dialética sem síntese ou verdades absolutas, possibilitando um olhar meticuloso para as vivências, sujeitos/as e relações que se estabelecem nesse espaço de aprendizagens variadas que escapam (e muito) dos currículos formais (Figueiredo, 2017, p. 168).

É um campo complexo porque está repleto de discriminação e preconceito, embasada pelo conservadorismo onde há discursos com teor que incitam ódio contra aos mais diversos modos de existências humana em diversidades. Castro et al (2024) abordaram os efeitos dos discursos cisheteronormativos no contexto da sexualidade e observaram que eles se tornam ainda mais profundos, intensos e complexos quando interseccionados com outros marcadores sociais, como a raça e a classe social. E os efeitos mantém as pessoas excluídas ou elas precisam controlar as expressões de sua diversidade.



Embora a escola seja composta por uma ampla gama de diversidades, esta instituição ainda precisa romper com os paradigmas que moldam rigidamente a educação (Castro et al, 2024). Neste contexto, trabalhar com os temas gênero, sexualidade, cor/etnia é um desafio que se coloca para os docentes que podem utilizar materiais didáticos diversificados, como os artefatos culturais a fim de encorajar os alunos na expressão de suas identidades, isso é crucial para a formação de cidadãos conscientes e engajados na luta por uma sociedade mais justa e equitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com cinco professores que responderam o questionário e grande parte dos educadores que participaram da pesquisa já atuam em sala de aula há mais de 10 anos (60%), o que evidencia uma experiência considerável na educação, 40% deles atuam na área das Ciências Humanas.

Ao serem questionados se já tinham participado de alguma formação específica na temática pesquisada os resultados mostraram que 60% participaram de modo parcial, como eventos e leituras, e 40% não participaram. Essa porcentagem demonstra a necessidade de se investir na formação continuada de professores para a preparação destes profissionais para a abordagem das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia no Ensino Médio. Todos os professores apontaram a importância de receber formações que tratem deste tema e indicaram que estas podem ocorrer de diversas maneiras, como: cursos online ou presencial, oficinas e grupos de estudos.

Sobre a formação de professores, Souza (2024) observa que ela impacta diretamente a qualidade da educação no Brasil e embora seja um fator essencial para a promoção de aprendizagens significativas, observa-se que não há condições adequadas para a capacitação e valorização dos professores na grande parte das escolas. O autor destaca que são inúmeros os desafios que dificultam o acesso do professor a uma formação como a necessidade de adaptação às inovações tecnológicas, a gestão de toda a demanda escolar, além das demandas familiares e sociais. Muitas vezes, mesmo a escola conseguindo realizar alguma formação nesta temática, não se torna possível que o professor participe por conta das outras demandas que precisa atender.



Cerca de 20% dos professores observaram que essa temática é abordada de maneira adequada na escola, a mesma quantia disse que não é trabalhada adequadamente, e 60% disseram que só é abordada de modo adequado em alguns momentos. Como já ressaltado anteriormente, o trabalho inadequado ocorre pelo despreparo do docente e da equipe pedagógica da escola para abordar estas temáticas; além disso, na maior parte das vezes o tempo disponibilizado para a abordagem destes temas é reduzido, o que dificulta a realização de um trabalho mais abrangente e satisfatório.

Neste sentido, Santana, Nascimento e Santos (2010) realizaram uma pesquisa com turmas do Ensino Médio em uma escola de Sergipe e perceberam que o tempo disponibilizado para a abordagem destes temas transversais é reduzido porque a educação atual ainda prioriza a transmissão de informações, conhecimentos em forma de conteúdos que, muitas vezes, estão desvinculados da realidade atual, o que reduz o tempo gasto em temas como gênero, sexualidade, cor e etnia.

Muitas instituições de ensino até tomam iniciativas para formações de professores sobre estes temas, mas, como salienta Souza (2024), são oficinas e cursos esporádicos que não contribuem significativamente para o desenvolvimento profissional do professor porque não proporcionam espaços para explorar e problematizar suas práticas. É preciso haver um espaço de formação contínua com saberes teóricos e práticos alinhados às atividades desenvolvidas nos diferentes contextos escolares, levando em consideração as potencialidades e problemas específicos de cada instituição de ensino.

Os professores disseram que ocasionalmente (60%) e raramente (40%) abordam questões de gênero, sexualidade, cor/etnia na sala de aula, isso ocorre devido às dificuldades enfrentadas para abordar essa temática, destacam-se: a falta de formação suficiente e a ausência de recursos adequados disponíveis na instituição escolar. Observa-se que uma parte significativa das escolas não estão fisicamente estruturadas para o trabalho com os artefatos culturais pois como destaca Moran (2007) nas escolas tem que ter salas de aulas refrigerada e com equipamentos como computador, data show, internet pois desta forma facilita o trabalho do professor, e ainda são poucas as escolas que possuem todas as salas de aulas com esta estrutura necessária.

Quanto à resistência dos alunos aos temas gênero, sexualidade, cor/etnia, os professores disseram não haver resistência explícita, mas que há uma dificuldade em debater o tema de forma crítica por ser uma temática, na maior parte das vezes, pouco explorada em seus ambientes de vivências diárias. Sobre a resistência, pesquisas indicam que ela parte dos



familiares que vê com olhares conservadores e reprovadores a abordagem de temas como gênero e sexualidade; mesmo havendo a iniciativa e o interesse dos alunos em abordar o tema e compreender melhor sobre, nem sempre a escola consegue atuar como poderia por conta da resistência familiar (Ação educativa, 2023).

Souza e Ferrari (2019) realizaram uma pesquisa com professores de Ciências para abordar sobre as inquietações que a abordagem de gênero e sexualidade geram nas aulas. Os resultados mostraram que os familiares se inquietam quando há alguma abordagem sobre estes temas na escola mesmo que de forma superficial e muitas vezes isso gera uma situação de constrangimento para o professor que evita abordá-lo para além do que o livro didático abrange.

Embora nessa pesquisa os professores não tenham abordado com maior aprofundamento sobre as suas próprias resistências e preconceitos para tratar destes temas, pesquisas indicam que os docentes também se sentem receosos para falar deles porque também podem ser preconceituosos com a diversidade de gênero, sexo e etnias. Figueiredo e Souza (2024) destacam a importância de os educadores estarem em um constante autoquestionamento ao tratar dessas questões, na tentativa de escapar das armadilhas que o diálogo sobre elas pode gerar, para que se dispam de todos os discursos discriminatórios antes de dialogar com seus alunos.

Quanto à utilização dos artefatos culturais para abordagem das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia nas aulas 40% dos professores disseram que já usaram, 60% disseram que ainda não usaram e destes, 20% salientaram que desejam usar. Observa-se que mesmo possuindo um tempo considerável de experiência na docência a maior parte dos professores não fizeram o uso dos artefatos para abordar estas temáticas que são atuais e fazem parte da vida cotidiana dos adolescentes. Esse fato demonstra que a escola ainda falha em inserir a abordagem destes temas em seu currículo.

Quanto aos artefatos mais utilizados pelos professores nas aulas destacaram-se músicas, filmes, documentários e livros; os professores que já usaram destacaram que a utilização dos artefatos culturais desperta e prende a atenção dos alunos para a temática, assim facilita o debate pois permite aliar a teoria e a prática.

Para além destes artefatos já tradicionalmente conhecidos, observa-se que com a disseminação da internet e das redes sociais há ainda maior quantidade de artefatos culturais que permitem abordar temáticas como: gênero, sexualidade, raça, etnia, diversidade sexual, violências de maneiras diversificadas. Há inúmeros vídeos criados por blogueiros e blogueiras



que abordam tais temas, bem como várias séries e filmes disponíveis nos streamings. Se parar para observar e planejar, os professores encontram diversas possibilidades de artefatos culturais, longos ou curtos que “retratam, refletem, representam aquilo que diariamente nos atravessa, nos traspassa, nos fixa e nos faz ser outro de nós, nos (re)constrói” (Santos, 2022, p.7).

Os participantes disseram que as escolas, na maioria, não disponibilizam suporte necessário para a abordagem das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia por meio de artefatos culturais; as dicas que os professores propuseram para melhoria do suporte são a disponibilização de materiais específicos sobre esses temas para os professores e alunos, o envolvimento de toda a comunidade escolar em projetos e atividades relacionadas ao tema, o estabelecimento de parcerias com especialistas para ministrar aos alunos e para capacitação dos professores.

Essas propostas dos professores indicam que eles se sentem incapazes de trabalharem o tema com maior aprofundamento e que a presença de especialistas na escola traz uma maior importância para o trabalho realizado. Isso se deve ao fato de os professores não saberem como ou terem vergonha de passar esclarecimentos, informações e conhecimentos específicos sobre estes temas.

Como destaca Santos (2021, p.18) a aceitação e a abordagem sobre a diversidade de gênero, sexualidade e etnias é um desafio que a escola ainda precisa avançar e superar diariamente com vistas à reconstrução do olhar no tratamento de gênero e sexualidade “em que a discriminação permeia fortemente nas ocorrências de violências, cruéis e camufladas por essa mesma sociedade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu observar que a abordagem das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia na sala de aula ainda é realizada de forma ocasional, os professores ainda se sentem despreparados para trabalhar com esses temas nas aulas e também enfrentam desafios quanto à disponibilização de recursos didáticos que possam auxiliá-los.

Quanto ao uso dos artefatos culturais para abordagem destas questões os resultados mostraram que os docentes necessitam de maior formação sobre estes temas; além disso, a maior parte das escolas não possuem estruturas físicas preparadas para que os professores



consigam planejar o uso dos artefatos com maior frequência. Também se faz necessário atentar para as resistências à abordagem destes temas que podem se originar dos familiares e até mesmo dos educadores.

É válido salientar que a discussão dos resultados dessa pesquisa poderia ter sido mais ampliada, acabou sendo comprometida por conta da pequena adesão de professores que responderam o questionário disponibilizado.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA. Estudantes demandam discussões sobre gênero, raça e sexualidade na escola. 2023. Disponível em [Estudantes demandam discussões sobre gênero, raça e sexualidade na escola – Ação Educativa](#) acesso em 09 abr. 2025.

CASTRO, H.É.B.; RODRIGUES, D.L.; SANTOS, Staela R. P.; CUNHA, A.L.S. Reflexões sobre as pedagogias cisheteronormativas e seus efeitos em sujeitos LGBTQIAPN+ na escola. **Plurais -Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 9, n. 00, 2024.

FIGUEIREDO, R. S. “**Eu comecei a ser vista na escola assim: a professora feiticeira, macumbeira, a professora que trabalhava com viadagem [...]**”: Etnias, sexualidades e gêneros em [dis]curso. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017.

FIGUEIREDO, R. S.; SOUZA, M. L. É possível renascer das cinzas? O núcleo de estudos implicado na construção de um currículo-fênix sobre corpo, gênero e sexualidade no Novo Ensino Médio. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v.33, n.1, p.1-22, 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

MORAN, J. M. **As mídias na educação**. Texto do meu livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. Disponível em moran.eca.usp.br acesso em 08 abr. 2025.

NUNES, F. A. N.; LIMA, S. E. A. Raça, gênero, classe e sexualidade e suas intersecções na educação profissional e tecnológica: reflexões acerca da descolonização curricular do ensino médio integrado à luz da interseccionalidade. **Revista Primus Vitam**, n. 17, 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.



SANTANA, E.; NASCIMENTO, M. B. C.; SANTOS, R. P. S. Temas transversais: um estudo em uma instituição de ensino médio em Sergipe. **Anais IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2010.

SANTOS, H. M. M. As Relações de Diversidade de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Prática Necessária de Reflexão Pedagógica. **Anais do Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade**, UFS, 2021.

SANTOS, S. **Artefatos culturais e letramento: pedagogias que (des) constroem sentidos**. Disponível em [ARTEFATOS-CULTURAIS-E-O-LETRAMENTO-SILMARA.pdf](#) acesso em 04 abr. 2025.

SOUZA, J. G. A importância da formação inicial e continuada dos professores para garantir uma educação de qualidade. **Revista Humanidades e Inovação**, v.11, n.3, Palmas – TO, 2024.

SOUZA, L. M. FERRARI, A. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.26, n.1, p.40-59, jan./abr. 2019.

SOUZA, L. M.; SOUZA, M. L. “Não morreram de amor, morreram de promiscuidade, morreram por descuido mesmo”: Discursos de professoras sobre tendenciosidades e vulnerabilidades ao HIV/Aids mediados por artefatos culturais. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE, Brasil, v.1, n.1, jan./abr. 2018.